



O pensamento liminar como uma resposta à colonialidade do poder em *La mano en la tierra*, de Josefina Plá

Border Thinking as an Answer to Coloniality of Power in La mano en la tierra, by Josefina Plá

Leoné Astride Barzotto

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, Mato Grosso do Sul / Brasil

leoneastridebarzotto@gmail.com

Resumo: Este artigo tem a intenção de fazer um estudo da literatura latino-americana pela perspectiva pós-colonial como representação de uma dada realidade, para demonstrar que o conceito de “Pensamento Liminar” (MIGNOLO, 2003) é uma resposta potencial do Hemisfério Sul às novas investidas de domínio percebidas pela descrição do conceito de “Colonialidade do Poder” (QUIJANO, 2005), advindas do Hemisfério Norte. Neste contexto, analisarei ambos os conceitos e as estratégias pós-coloniais pertinentes à esta análise, adentrando o conto *La mano en la tierra* (2002), da escritora Josefina Plá, a fim de averiguar o papel da mulher local, neste caso Ursula, uma indígena Guarani paraguaia, e sua relevância na narrativa e nas questões de gênero que implicam parcela deste estudo.

Palavras-chave: pensamento liminar; colonialidade do poder; pós-colonialismo; literatura latino-americana; gênero.

Abstract: This paper aims to develop a study on the Latin American Literature through the post-colonial perspective as a representation of a certain reality, to demonstrate that the concept of “Border Thinking” (MIGNOLO, 2003) is a potential answer from the South Hemisphere towards the new control quests which are perceived through the concept of “Coloniality of Power” (QUIJANO, 2005), from the North Hemisphere. Within this context, I will analyze both concepts and also the post-colonial strategies

that connect to it, investing in the short story *La mano en la tierra* (2002), written by Josefina Plá, to investigate the role of the local woman, in this case Ursula, a Guarani indigenous lady from Paraguay, and her relevance in the narrative as well as in the gender debate which implies part of this study.

Keywords: border thinking; coloniality of power; post colonialism; Latin American literature; gender.

1 Condições iniciais

Dentro de uma sociedade presa, a literatura livre só pode existir como denúncia ou esperança. O opressor quer que o espelho não devolva ao oprimido nada mais que uma mancha de açoite. Qual o processo de transformações que pode ser impulsionado por um povo que não sabe quem é, nem de onde veio? Se não sabe quem é, como pode saber o que merece ser? Não pode a literatura ajudar, direta ou indiretamente, essa revelação?

Eduardo Galeano

A epígrafe acima pertence ao livro de crônicas autobiográficas do escritor e crítico uruguaio Eduardo Galeano, denominado *A descoberta da América: que ainda não houve* (1988). Como o próprio excerto denuncia, e por isso mesmo me instiga a levantar esta questão neste artigo, o escritor pondera fortemente acerca da utilidade da Literatura e assim prossegue durante toda esta obra. Para além do caráter de fruição e de utilidade social, o autor é veemente no potencial político e de agenciamento sociocultural que a literatura desempenha, ou seja, funciona mesmo como uma espécie de arma de palavras que pode atacar e contra-atacar, a depender do contexto em que se insere. Não à toa selecionei tal passagem, pois é este exato traço que me encanta na literatura e me faz ver nela, em especial a latino-americana, uma espécie de fenômeno de revide e de resistência. Desta forma, desdobrarei estes argumentos primordiais para comprovar que a literatura não somente emancipa uma dada comunidade como também revela (como preocupava Galeano) os projetos de transformações sociais.

Supomos que a literatura transmite conhecimento e atua sobre a linguagem e a conduta de quem a recebe; que nos ajuda a conhecer-nos melhor para salvar-nos juntos... escrevemos, na

realidade, para as pessoas com cuja sorte, ou azar, nos sentimos identificados. Os que comem mal, os que dormem mal, os rebeldes e humilhados da terra, e a maioria deles não sabe ler. Entre a minoria que sabe, quantos dispõem de dinheiro para comprar livros? Pode-se resolver esta contradição proclamando que escrevemos para essa cômoda abstração chamada “massa”? (GALEANO, 1988, p. 7).

Face a esta problemática bem pertinente ao contexto latino-americano, eu entendo positivamente o potencial de agenciamento do conceito de “Pensamento Liminar”, ou “gnose liminar” ou, ainda, “epistemologia das margens”, cunhado por Walter Mignolo (2003) como uma resposta clara e direta às novas investidas neoimperiais – sobretudo europeias e norte-americanas – em relação a outros lugares do planeta. Mignolo busca, então, inspiração em dois pontos teóricos para desenvolver sua teoria de livre pensamento com o conceito de pensamento liminar: primeiramente, (re)semantiza e (re)contextualiza um termo usado pelo filósofo Khatibi, da região do Maghreb africano, como termo propulsor – *une pensée autre* (“um outro pensamento”); depois, aprofunda-se e apropria-se do conceito de “colonialidade de poder”, amplamente trabalhado por Anibal Quijano para, justamente, expor a força contrária e igualmente poderosa do seu termo enfim. Tanto Mignolo, como Quijano e Galeano ironizam a tal “descoberta da América”, uma vez que esta foi inventada e não descoberta; inventada com propósito nítido e único de se criar um circuito comercial e financeiro de abastecimento via Atlântico. Inclusive, o título do livro de Galeano, cuja epígrafe abre esta discussão toda, denuncia por si só: *A descoberta da América* – que ainda não houve. Ao analisar os saberes subalternos de vários lugares do globo, Mignolo (2003, p. 82-83) filtra-os, a fim de criar um ponto de luz e de destaque para os saberes subalternos da América Latina e, com isso, perceber neste dado local o seu valor intelectual:

Faço um esforço para conectar e traçar uma genealogia do pensamento a partir das histórias locais que absorveram projetos globais. [...] Estas não são apenas contra-histórias ou histórias diferentes; são histórias esquecidas que trazem para o primeiro plano, ao mesmo tempo, uma nova dimensão epistemológica: uma epistemologia da, e a partir da, margem do sistema mundial colonial/moderno, ou, se quiserem, uma epistemologia da diferença colonial que é paralela à epistemologia do mesmo.

Anibal Quijano, por sua vez, dedicou seu fazer crítico de longos anos ao desenvolvimento do conceito de “colonialidade de poder” e o mesmo se consagra na área dos Estudos Pós-Coloniais com a publicação de *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas* (2005). Contudo, antes mesmo desta importante contribuição, Walter Mignolo estuda plenamente o conceito e o aplica em seus estudos que culminam em uma Genealogia das Margens, ou seja, volta seu olhar para todas as potencialidades criativas e protagonistas da América Latina, desde artefatos culturais até os mais complexos meios de desenvolvimento de nossa intelectualidade, a fim de demonstrar que não precisamos ser dependentes e que não devemos ser dependentes da contínua vontade externa, sempre exploratória, humilhante e enganosa. Neste sentido, o pensamento liminar surge como uma proposta libertária, uma forma de agenciamento livre a partir do hemisfério sul para contrariar a ânsia dominadora advinda do hemisfério norte, denominada de colonialidade do poder, conforme Quijano pontua.

2 *La mano en la tierra* – o pensamento liminar por vias literárias

A Literatura pós-colonial latino-americana é de extrema relevância no contexto abordado acima, posto que ela mesma é exemplo frutífero deste processo de agenciamento livre, o qual já se sobrepôs ao revide e a resistência e vive um momento mais positivo agora, de plena expansão, como algo único, rico e incomparável; em especial, depois do *Boom* latino-americano da Literatura e de vários prêmios Nobel nesta região. Críticos, escritores, intelectuais da América Latina não precisam mais, tampouco devem buscar, da chancela da Europa ou dos Estados Unidos para desenvolver suas potencialidades, seus conceitos e, inclusive, rechaçar outros tantos que foram, há muito, impostos de fora para dentro e de cima para baixo, por anos de exploração econômica e humanitária. Por esta razão, o conto da escritora paraguaia Josefina Plá se apresenta nesta miríade como profícuo exemplo. Poderia ir além, a própria escritora se apresenta exemplar dada sua história de vida na arte e na política paraguaias. Para Plá, vida e arte se bifurcam de tal modo que a palavra é relatora, essencial, da vida: criador e criatura se amalgamam, metaforicamente.

Piedade pelas palavras penitentes / que morrem contra o
travesseiro / as palavras caídas como pedras / no monte que conta
os pecados / as palavras afogadas como um recém-nascido / de
cuja mãe se envergonha / as palavras mendigas que jamais tiveram
/ um vestido decente / para sair em um domingo da vida. / E ainda
pela palavra amordaçada / que um traje de cimento afundou em
águas escuros / a palavra final sem sílabas e sem destinatário
(PLÁ, 1965, tradução minha).¹

Plá não foi somente uma artista das Letras, mas também da Cerâmica e das Artes Plásticas. Nasceu em Isla de Lobos, Espanha, em 1903. Em 1924, ela conheceu Andrés Campos Cervera, pseudônimo de Julián de la Herrería, um importante artista paraguaio com quem se casou e passou a residir no Paraguai, nação que assume como sua e a qual projeta por toda a sua vida. Toda sua obra gira em torno do Paraguai e de sua cultura, a qual absorve consciente e profundamente, colaborando exponencialmente para a mesma por meio do incentivo à leitura, ao teatro, às artes em geral. Por tudo isso, em 1981, recebeu o prêmio de *Doctora Honoris Causa* da Universidade de Assunção, o primeiro de muitos outros. Ela foi membro da Academia Real de Letras e é autora de uma grande quantidade de obras. Entre as mais conhecidas estão *El precio de los sueños*, *Luz negra*, *Los treinta mil ausentes* y *La cocina de las sombras*. Originalmente, o conto *La mano en la tierra* foi publicado em 1959. Contudo, uso edição de uma antologia de 2002. Josefina é uma das principais representantes da “Geração de 1940” e uma das precursoras do feminismo no Paraguai. Sua personalidade, inovadora e audaciosa para a época, causou-lhe muitos transtornos em Assunção, com uma lenta e freada aceitação social, mas guiou e iluminou as seguintes gerações de artistas e escritores daquele país tão devastado pela Guerra da Tríplice Aliança e pela ditadura Stroessner. É considerada a “Dama da Cultura Paraguaia” e faleceu, em Assunção, no ano de 1999.

¹ Piedad por las palabras penitentes / que mueren contra la almohada / las palabras caídas como piedras / en el montón que cuenta los pecados / las palabras ahogadas como recién nacido / del cual la madre se avergüenza / las palabras mendigas que jamás han tenido / un vestido decente / para salir al domingo de la vida. / Y aún por la palabra amordazada / que un traje de cemento hundió en aguas oscuras / la palabra final sin sílabas y sin destinatario (PLÁ, 1965).

A narrativa do conto selecionado gira em torno da vida do colonizador espanhol Don Blas de Lemos. No âmbito da diegese temos o seguinte panorama: Don Blas está moribundo em suas últimas horas de vida, deitado em seu leito, de frente a uma janela que dá de vista ao Rio Paraguai. No quarto, a cor de cobre predomina e irradia. Pelo fluxo das águas do rio, o velho moribundo vê, ao longe, a flutuação dos camalotes e tal cena, além de distinta beleza, faz-lhe relembrar toda a sua trajetória aventureira e de conquista, desde a Espanha até Assunção. Portanto, a principal voz narrativa é a de Don Blas, com inúmeras e fortes passagens de fluxo de consciência do mesmo, até a sua morte derradeira com a mão posta e caída sobre o chão, como quem quisesse levar consigo a terra daquele lugar, até mesmo neste momento de despedida. A diegese contempla, *tão somente*, algumas horas finais da vida deste explorador, cercado pelos familiares e pelo padre de sua confiança, o qual vai lhe dar a extrema unção e ser destinado a queimar as cartas que escrevera ao longo da vida no Paraguai e as quais depositou, secretamente, debaixo do travesseiro. Mergulhado em um vai e vem febril, alucinatório e típico de um moribundo, quanto mais a morte se aproxima, mais se reavivam as memórias no filme da vida deste colonizador, a começar pela remota lembrança da colonização em si e dos quarenta e cinco anos, os quais *tão depressa se passaram*, desde que deixou sua jovem esposa espanhola grávida e abandonada num casario da Espanha; a promessa de buscá-la nunca se concretizou. Satisfação, remorso e poder perpassam todas as suas lembranças. Entre sonho e pesadelo, ficam as marcas da obstinação pela conquista, a ponto de nunca ter conhecido o seu primeiro filho “varão”, nascido na Espanha, mas *já dado como morto em batalha*.

Há pouco se foi o franciscano, falando que voltaria com os óleos, e deixando para trás um penoso sulco de luz na consciência de Blas de Lemos. No breve interrogatório do Padre Pérez, sombras *há muito* aquietadas se colocam em pé na sua memória, se movem sonâmbulas na luz oblíqua, dura. Esta nova luz, com claro-escuro de um antigo relevo, a imagem de Dona Isabel, a jovem esposa, quase uma criança, abandonada no casario espanhol. Prometeu muitas vezes fazê-la vir, nunca o cumpriu. Estava grávida quando a deixou. Muito depois soube que havia dado à luz um varão; que havia lhe dado o nome de Blas, como o esposo esquecido. O jovem Blas – mas não; não seria já um jovem: talvez um homem com a barba loira já e os olhos azuis – morreu naquela

batalha. Como se chamava? Ah sim, Lepanto, onde tanta honra alcançaram as armas espanholas... em vão, trata de imaginar o filho que nunca viu. E ela, Isabel? Há anos nada lhe disse e nada soube dela. Talvez já esteja morta. Talvez ainda viva retirada em seu casario, ou em um convento, como tantas outras esposas e namoradas abandonadas. Quer imaginar Isabel, como há de estar, se vive: velha, enfraquecida: não consegue. A vê obstinadamente pequena, loira e graciosa como uma espiga. Quarenta e cinco anos. *Quem pensaria que o tempo poderia passar tão depressa. Quem poderia pensar que aquelas coisas poderiam permanecer assim tão distantes nas distâncias da alma. Ao fim e ao cabo, não havia sido um sonho triste; mas gostaria de poder acordar* (PLÁ, 2002, grifos meus, tradução minha).²

No entanto, a narrativa posta em *flashback* se alonga porque se alongam as memórias de Blas. Depois de lembrar que deixara uma esposa grávida na Espanha, reaviva que, junto com Cabeza de Vaca, veio abrir as colônias espanholas nas terras de cá e transformar Assunção na capital das capitais latino-americanas, pois de lá, ainda que poucos saibam, partiu a maior parte das expedições que vieram a colonizar as demais nações da parcela sul das Américas. Há uma espécie de *screen mode* neste conto, pois o leitor tem a impressão de estar diante da tela de um cinema com

² Hace rato se fue el franciscano, dejando tras sí la promesa de volver con los Oleos, y un penoso surco de luz en la conciencia de Blas de Lemos. Al interrogatorio escueto del Padre Pérez, sombras hace tiempo aquietadas se han puesto de pie en su memoria, se mueven sonámbulas a una luz sesgada, dura. Esa luz nueva pule, con claroscuro de antiguo relieve, la imagen de Doña Isabel, la joven esposa, casi una niña, abandonada en la casona castellana. Prometió se muchas veces hacerla venir; nunca lo cumplió. Estaba encinta cuando la dejó. Muy después supo que había dado a luz un varón; que lo había llamado Blas, como el esposo olvidadizo. El joven Blas -pero no; no sería ya un joven: un hombre ya con la barba rubia quizá y los ojos azules- murió en aquella batalla ¿Cómo se llamaba? ah, sí, Lepanto, donde dice que tanta honra alcanzaron las armas españolas... Trata en vano de imaginarse al hijo que nunca vio ¿Y ella, Isabel? Hace años que nadie le dice ya nada de ella. Quizá ha muerto ya. Quizá aún vive retirada en su casona, o en un convento, como tantas otras esposas y novias abandonadas. Quiere imaginarse a Isabel como ha de estar, si vive: vieja, achacosa: no puede. La ve obstinadamente niña, rubia y grácil como una espiga. Cuarenta y cinco años. *Quién pensara que el tiempo podía pasar tan de prisa. Quién pensara que aquellas cosas pudieran quedar así tan lejos en las distancias del alma. Al fin y al cabo no había sido un sueño triste; pero le gustaría poder despertar.* (PLÁ, 2002, grifos meus).

os olhos fixos na imagem daquele quarto cor de cobre, com as pessoas em volta do leito de um moribundo que fita o fluxo do rio, mas que absorve a atenção do leitor com os fluxos de suas memórias. Tem-se, ainda, alternância entre fluxo de consciência e de monólogo interior, uma vez que nem todas as memórias são ordenadas coerentemente. Para Don Blas, o enfrentamento da morte é o seu maior desafio, dada a arrogância de sua personalidade exploratória. Viveu para conquistar e, desta forma, não consegue abrir mão de suas conquistas; terras e gentes paraguaias lhe pertencem, a partir de sua percepção usurpadora de mundo. Apesar de estar diante da morte, não suaviza sua ganância tampouco seu jeito de ser, já que olha para todos que rodeiam seu leito de morte com olhar de posse, com olhar de quem manda. Não obstante, sua mão está sempre no sentido de “agarrar” aquele chão, numa simbologia quase egípcia, de forma que, se agarrasse o solo conquistado, poderia, então, levá-lo para as profundezas do mundo pós-morte.

Ao amanhecer, algo como uma nuvem ou uma asa enorme encortina, por uns instantes, o céu ainda indeciso de frente à porta. Úrsula e Cecilia correram para a margem do rio. Se Blas estivesse acordado saberia que são os navios que zarparam levando os colonos de Santa Maria de Buenos Aires. Mas Blas de Lemos está definitivamente imóvel. *Sua mão direita estendida até o solo, endurecida, parece querer pegar a terra* (PLÁ, 2002, grifos meus, tradução minha).³

Neste contexto de encantamento narrativo, destaca-se uma personagem, alvo deste estudo: Ursula, esposa de Don Blas. Ursula é uma indígena guarani que fora presenteada pelo pai cacique ao invasor espanhol, numa pretensa e frustrada aliança. Com ela, teve seis filhos homens, mas um chama a atenção no quadro geral: Diego, o único de olhos azuis como os do pai; o único a quem este confia sua linhagem e a sua própria forma de colonialidade de poder. Don Blas reconhece no filho sua veia colonizadora. Diego estava há muito tempo fora de

³ Al amanecer, algo como una nube o un ala enorme encortina por unos instantes el cielo aún indeciso frente a la puerta. Ursula y Cecilia han corrido a la ribera. Si Blas estuviese despierto sabría que son los navíos que zarpan llevando a los colonos de Santa María del Buen Ayre. Pero Blas de Lemos yace definitivamente inmóvil. *Su mano derecha tendida hacia el suelo, crispada, parece querer prender la tierra* (PLÁ, 2002, grifos meus).

casa, investindo em conquistas, aos moldes do pai. Volta brevemente para despedir-se do pai moribundo, pedir-lhe a benção e, assim, seguir caminho no desbravamento de Buenos Aires. A visita repentina, ainda que fugaz do filho predileto, dá-lhe um pequeno sopro de vida, o suficiente para benzer Diego e lhe desejar sucesso como progenitor e, conseqüentemente, como colonizador. Don Blas percebe, nitidamente, em Diego a possibilidade de manter a proposta da colonialidade do poder como forma de manter suas riquezas e conquistas. Se ao padre destina o papel de arconte de suas memórias, ao lhe entregar todas as suas cartas escritas em vida e durante o processo de colonização; a Diego destina a função de arconte de seu capital. Neste sentido de manutenção das formas de domínio (colonialidade do poder), tão conhecidas por nós latino-americanos, quem ocuparia o papel de corrompê-las? Entra em cena a esposa indígena, mulher forte e obstinada em preservar os valores culturais de seu povo, apesar de todas as intempéries contra ela. Ursula não fala na narrativa, mas seu discurso-interdito ecoa mais forte que a oralidade presente, tal qual emana a cor de cobre de seu corpo nativo.

A mão de Blas se levanta às duras penas, como um pássaro velho; pousa incerta sobre a face do jovem Diego. O encara; vê os olhos azuis, que parecem um pouco extraviados pela cor terracota de seu rosto. E como nas águas dos arroios de sua infância, Blas de Lemos os vê até o fundo. Naquele rosto moreno, um pouco tosco, mas nobre, naqueles olhos azuis, Blas de Lemos recupera por um instante, em um relâmpago, toda a sua juventude desaparecida. Ali, nestes olhos, está o sangue sonhador e louco. O sangue destinado a verter-se, sem sossego e sem trégua, pelos quatro pontos cardiais (PLÁ, 2002, tradução minha).⁴

Em anos de estudos, Quijano vai a fundo na causa que trata da manutenção do poder e percebe a essência do problema nas bases de nossa

⁴ La mano de Blas se alza a duras penas, como un pájaro viejo; se posa incierta sobre la frente del joven Diego. Lo mira; ve los ojos azules, que parecen un poco extraviados en el color terrígeno del rostro. Y como en las aguas de los arroyos de su niñez, Blas de Lemos ve en ellos hasta el fondo. En aquel rostro moreno, un poco tosco pero noble, en aquellos ojos azules, Blas de Lemos recupera por un instante, en un relámpago, toda su juventud desaparecida. Allí en esos ojos está la sangre soñadora y loca. La sangre destinada a verterse sin sosiego y sin tregua por los cuatro puntos cardinales (PLÁ, 2002).

colonização. Na contemporaneidade, as forças da globalização são as que mantêm as estratégias de controle da colonialidade do poder – vide a atual situação da Síria e, também, dos imigrantes latino-americanos que, desesperados, marcham rumo aos Estados Unidos; de economias sólidas, como a da Argentina, que hoje estão em crise, etc. O conto de Plá representa, de forma simbólica e literária, a colonização espanhola no Paraguai e a perpetuação do poder nas mãos dos mais fortes através da visível exploração dos mais fracos. Representa, ainda e faticamente, a velha (porém válida) premissa de que aquele que possui a terra, possui seus valores e sua gente. Triste sina esta da América Latina, tão triste que, no momento de escrita deste texto, o presidente norte-americano autoriza o uso de armas letais contra os imigrantes em marcha que se encontram, já, na fronteira México/Estados Unidos. Em outras palavras, para os representantes da colonialidade do poder, a América Latina serve enquanto abre suas portas aos exploradores de seus recursos naturais e econômicos. No entanto, não tem o mesmo valor quando os seus habitantes decidem transitar globalmente, muitas vezes em vão, em busca de uma vida melhor (cf. RIBEIRO, Trump autoriza o uso de armas letais contra imigrantes. 2018.).

Na América, a idéia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova identidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da idéia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas idéias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial (QUIJANO, 2005, p. 118).

De acordo com o que promulga Quijano, na passagem acima, o conhecimento eurocêntrico foi validado mundialmente desde os primórdios da colonização e o conceito de “raça” foi, para eles, o mais importante instrumento para classificar e, sobretudo, inferiorizar os sujeitos não-europeus ao redor do globo. Com este processo de pormenorização de outros seres humanos, os europeus garantiram a validação de suas ideias e conceitos, deixando os demais à revelia da História, com consequências drásticas no âmbito social, tais quais vemos hoje em dia em nosso cotidiano: fome, desemprego, preconceito, violência de toda forma, racismo, complexidades socioculturais, melancolia existencial, etc. Portanto, esta é a base profundamente excludente e preconceituosa daquilo que sustenta as novas investidas neocolonizadoras que explicam o termo colonialidade do poder. A propósito, a colonialidade do poder é sustentada pela globalização, pela dependência tecnológica de muitas nações e pelo formato atual do capitalismo mundial. De outra maneira, mas com semelhantes preocupações, Eduardo Galeano consolidou toda sua obra ao analisar as forças externas que delapidam a América Latina e, paralelamente, as forças internas que insistem em manter as distintas culturas, raízes e tradições, ainda que em meio da visível e enorme heterogeneidade multitemporal característica deste recorte espacial do mundo. “Essa colonialidade do controle do trabalho determinou a distribuição geográfica de cada uma das formas integradas no capitalismo mundial. O capitalismo mundial foi, desde o início, colonial/moderno e eurocentrado” (QUIJANO, 2005, p. 120). Como dizem os neocolonizadores, *to make a long story short* (“para encurtar esta estória que, por natureza, é longa”), enquanto o pensamento liminar age de forma livre e é em essência um processo libertário, a colonialidade do poder aglomera estratégias contemporâneas de contínuo controle e exploração de nações menos privilegiadas economicamente, sendo apenas uma nova roupagem para uma velha técnica de opressão.

Assim, uma descrição consequente de “um outro pensamento” é a seguinte: uma maneira de pensar que não é inspirada em suas próprias limitações e não pretende dominar e humilhar; uma maneira de pensar que é universalmente marginal, fragmentária e aberta; e, como tal, uma maneira de pensar que, por ser universalmente marginal e fragmentária, *não é etnocida* (MIGNOLO, 2003, p. 104, grifo meu).

Sendo assim, já certificamos que Don Blas e Diego, seu herdeiro favorito, promulgam e perpetuam a colonialidade do poder na narrativa em questão. Todavia, e de forma surpreendente, cabe à mulher nativa, representada pela matriarca Ursula, a efetividade do pensamento liminar. Mas, de que maneira?

3 Dominar o contato não equivale a dominar a intimidade: corpo é diferente de alma

Numa espécie de devaneio febril que lhe revela os instantes finais desta existência, Don Blas repassa o filme íntimo de sua vida e permite ao leitor saber de suas conquistas, por um lado, mas por outro lado também se sabe de suas falhas. Que a colonização foi forjada com a mão pesada da violência é desnecessário dizer, uma vez que nenhum ser humano vai aceitar pacificamente a aniquilação de sua identidade e de sua cultura. Assim sendo, a violência é traço persistente nas estratégias de domínio e de controle de dada comunidade e, evidentemente, este traço de conquistar por meio da violência está registrado nas cartas de Blas, as quais ele, veemente, pede ao padre para queimar. Ironicamente, as artimanhas das conquistas não são as falhas mais proeminentes da narrativa, mas uma outra, deveras sutil e incrivelmente significativa: o silêncio-poder de Ursula. A mulher indígena fora um presente ao jovem aventureiro espanhol que, em terras paraguaias, vai criando alianças, ao mesmo tempo em que vai exterminando os indígenas. Como uma forma de pacto, o cacique guarani lhe oferece a filha e esta passa toda sua vida ao lado de Don Blas de Lemos, dando-lhe filhos homens e vigorosos, supostamente prontos para o mesmo cargo do pai.

É aí que a previsão narrativa entorna porque Don Blas beira à morte absolutamente consciente de que não possui o bem mais precioso: a intimidade de seus filhos e, tampouco, a intimidade daquela gente com quem convive e controla há mais de quarenta anos. É o grande senhor de terras, mas não sabe o segredo de nenhum deles. Violenta seus corpos, força seus trabalhos, mas não consegue lhes aprisionar a alma. Esta consciência, no plano da narrativa, é bastante dolorosa e frustrante, mesmo se tratando de um colonizador implacável. Um homem que tudo tem, e que tudo continua a desejar. A ambição humana não tem medidas. Perceber-se alheio à intimidade e aos segredos de todos que lhe cercam é um sinal fatídico de derrota para este senhor de terras. Morre o

poderoso homem, consciente de que nem tudo que almejou, conseguiu. Morre ciente de que a força daquela gente e de sua cultura são movidas pela obstinação em sobreviver e, nem mesmo ele, tão arrogantemente desbravador, conseguiu extinguir com isso. Apesar de todas as agruras típicas da exploração e da conquista, o mundo paraguaio segue “cor de cobre”, com a presença forte e resistente do povo guarani. Por isso mesmo, Don Blas termina seus dias com a percepção de que, apesar de todas as suas posses, não detém o que lhe é de maior valor: a intimidade do seio familiar; amarga ironia para alguém com tamanho poder.

Ele, Blas, nunca conseguiu se entender bem com todos eles. Sempre haviam se entendido melhor com a mãe. Ainda sem falar-lhes, somente se deixavam servir por ela. Com ela conversavam às vezes em sua língua, a qual ele, Blas de Lemos, nunca pode aprofundar em todos os segredos. Apenas em pé sobre as pernas, recém-chegados à vida naquela terra, eles já sabiam das infinitas coisas que para ele, Blas de Lemos, seriam sempre um segredo. Sempre sentiu junto deles, ainda ao tê-los em seu colo, que ele era um desses seres por cujas veias seu sangue navegava irremediável, num mundo à parte no qual ele, Blas de Lemos, era chamado para colocar a semente, desgastando-se e apequenando-se na oferenda diária, enquanto a mulher a pegava silenciosa crescendo com ela, para amamentar logo seus sonhos obscuros e longos a filhos que seguiam sendo um pouco a cor da terra, sempre um pouco estranhos, sempre com um silêncio reticente no lábio tímido e um fulgor de conhecimento exclusivo nos olhos escuros; que quando diziam “oré”... traçavam em torno deles mesmos um círculo em que ninguém, nem mesmo ele, o padre, o genitor, conseguia entrar; um lugar feito de selva e de mistérios girando na luz taciturna de um planeta de cobre, um mundo no qual nunca havia acabado o sentimento de luta (PLÁ, 2002, tradução minha).⁵

⁵ Él, Blas, no había podido entenderse nunca del todo con ellos. Siempre se habían entendido mejor con la madre. Aun sin hablarle, con sólo dejarse servir por ella. Con ella conversaban a las veces en su lengua, de la cual él, Blas de Lemos, no pudo nunca ahondar del todo los secretos. Apenas erguidos sobre sus piernas; recién llegados a la vida en la tierra aquella, ellos sabían de ella infinitas cosas que para él, Blas de Lemos, serían siempre un arcano. Siempre sintió junto a ellos, aún al tenerlos en sus rodillas, que era el de esos seres por cuyas venas su sangre navegaba irremediable, un mundo aparte en el cual él, Blas de Lemos, era el llamado a aportar la simiente, desgastándose y empequeñeciéndose en la diaria ofrenda, mientras la mujer la recogía silenciosa

A mulher indígena é, como sabemos, amplamente objetificada, até os dias de hoje, pelo sistema típico do patriarcalismo colonial e, depois, pelos resquícios e atualizações dele. Portanto, não nos estranha o fato de Ursula nunca proferir uma palavra sequer na narrativa, ela simplesmente não fala. Entretanto, sua interdição é profundamente simbólica, posto que controla a família e a comunidade sem embate de discurso com o senhor das terras, ao mesmo tempo em que preserva e lidera todo o processo da valiosa intimidade com os filhos. Don Blas domina fluentemente o guarani, mas este conhecimento linguístico não lhe garante adentrar os mais valiosos segredos daquele povo, nem ao menos a intimidade dos filhos ele consegue garantir. Ou seja, o colonizador espanhol objetifica e controla o corpo, mas não a alma do indivíduo paraguaio; objetifica e controla o discurso, mas não os segredos pertinentes ao idioma guarani; toma posse e controla a terra e sua gente, mas não a cultura ali existente. Finda seus dias com a sensação de que muito fez, mas que de fato pouco conquistou; admirado com a capacidade de resistência daquele povo que dominou.

E os mandam e te obedecem, os olhos baixos, em vão desejarás encontrá-los em rebeldia; *mas seus lábios se apertam sobre razões que nunca serão as tuas* e seus pés giram por caminhos que tu nunca poderás levantar. E sua obediência te deixa desapontado de amor, e seu silêncio está povoado de cantos estranhos (PLÁ, 2002, grifos meus, tradução minha).⁶

Ursula, sem falar uma palavra, mantém o verdadeiro controle da comunidade e a intimidade com seus filhos, todos falantes de guarani. A mulher indígena, objetificada e coisificada pelo colonizador acaba, na

creciendo con ella, para amamantar luego con sus senos oscuros y largos a hijos que seguían siendo un poco color de la tierra, siempre un poco extraños, siempre con un silencio reticente en el labio túmido y un fulgor de conocimiento exclusivo en los ojos oscuros; que cuando decían “oré”... trazaban en torno de ellos mismos un círculo en el cual nadie, ni aún él, el padre, el genitor, tenía cabida; un ámbito hecho de selva y de misteriosos llamados girando en la luz taciturna de un planeta de cobre, un mundo con el cual él nunca había acabado de sentirse en lucha (PLÁ, 2002).

⁶Y les mandas y te obedecen, los ojos bajos; en vano querrás hallarlos en rebeldía; *pero sus labios se aprietan sobre razones que nunca podrás hacer tuyas* y sus pies hilan caminos que tú nunca podrás levantar. Y su obediencia te deja defraudado de amor, y su silencio está poblado de cantos extraños (PLÁ, 2002, grifos meus).

perspectiva do texto literário, existindo à revelia do sistema instituído e assumindo toda a sua subjetividade por meio do texto literário. Por esta razão, a literatura pós-colonial tem as questões de gênero como um dos seus alicerces mais importantes, pois discutir o papel da mulher em sociedades oprimidas é fundamental para entender estas mesmas sociedades. O que está em xeque é refletido em perguntas-respostas que Judith Butler faz, de forma antecipatória, em seu *Problemas de gênero* (2016, p. 8):

Mas como questionar um sistema epistemológico/ontológico? Qual a melhor maneira de problematizar as categorias de gêneros e a heterossexualidade compulsória? Considere o fardo dos “problemas de mulher”, essa configuração histórica de uma indisposição feminina sem nome, que mal disfarça a noção de que ser mulher é uma indisposição natural. Por mais séria que seja a medicalização dos corpos das mulheres, o termo também é risível, e rir de categorias sérias é indispensável ao feminismo. Sem dúvida, o feminismo continua a exigir formas próprias de seriedade.

Portanto, é altamente instigante termos um quarto cor de cobre, com a presença desta mulher indígena que a tudo comanda sem nunca proferir uma palavra. De subalterna passa a ser protagonista de uma história que fora contada por outros, aqueles que desejam viver para sempre nos anais da História. Ursula é emblemática ao mesmo tempo em que é apaixonante. Dela, pouco sabemos, inclusive sua idade é incerta, já que era apenas uma criança quando fora dada como esposa a Don Blas. Paradoxalmente, muito sabemos, posto que as memórias de Blas acabam reforçando a força e a astúcia desta mulher. Ou seja, ao fim e ao cabo, Don Blas é o derrotado da narrativa, ainda que homem rico e politicamente influente na região. Ursula domina a cena e, por meio dela, os segredos daquela cultura se mantêm. Quijano (2005, p. 120) pontua que a força do trabalho indígena é, mesmo depois da independência, uma válvula de manutenção das veias exploratórias da colonialidade do poder: “Mas mesmo mais de cem anos depois da Independência, uma parte ampla da servidão indígena era obrigada a reproduzir sua força de trabalho por sua própria conta”. Se Ursula admite esta força exploratória de seu trabalho por um lado; por outro lado, ela atua dissimuladamente em torno da sobrevivência de sua cultura, num processo de revide e de resistência claro, executando o que aqui apresentamos como pensamento liminar,

indo, obviamente, contra as intenções da colonialidade do poder. Dentro deste panorama, Don Blas é a representação máxima da colonialidade do poder e Ursula é a configuração do pensamento liminar. Don Blas não admite, mas suas memórias e o contexto do fim lhe traem; o protagonismo guarani se sobressai desta maneira.

E você lhes ensinou a tocar seu violão claramente, tão distinto de seus raros instrumentos de gemido sufocado, e eles aprenderam rapidamente, mas quando começaram a tocar sozinhos, sua música já não era aquela que tu conhecias, e era como quando nos sonhos alguém troca teu rosto e teu espelho não te reconhece mais... (PLA, 2002, tradução minha).⁷

Don Blas tinha outra mulher indígena, Maria, mais jovem que Ursula. Maria faleceu ao dar à luz sua única filha, Cecília. Com Ursula foram seis homens. Ursula lhe fora dada junto com um rebanho, e assim, feito gado, entrou na vida deste homem. Calada, observadora e aparentemente obediente, a velha mulher indígena lhe surpreende pela coragem, altivez e poder de, mesmo apesar de todas as adversidades, garantir o bem mais precioso: a intimidade de todos os seus filhos e daquele povo. Não deve ser agradável a um homem poderoso e conquistador chegar ao final de seus dias com a certeza de que nem tudo aquilo que era importante foi garantido em suas bravatas de domínio. Assim termina Don Blas, certo que fora, de certa maneira, iludido pelo projeto de domínio que ele mesmo impôs naquele lugar porque aquela comunidade parecia existir para além de seus desmandos. Tal constatação nos assegura que todo projeto de opressão tem falhas, toda proposta (neo)colonizadora é limitada e tem um prazo de validade. Deste modo, as lacunas metonímicas que surgiram por meio do idioma guarani foram estruturais para garantir a sobrevivência daquela cultura ao passo que conseguiam deixar o colonizar distanciado de alguns conhecimentos primordiais daquela tradição. Se o opressor a tudo conhece, a tudo ele aniquila! Logo, quanto menos segredos locais os dominadores souberem, melhor para uma dada comunidade e para a sua manutenção. Este

⁷ Y tú les enseñaste a tocar tu guitarra clara, tan distinta de sus raros instrumentos de ahogado gemir, y ellos aprendieron pronto; pero cuando empezaron a tocar solos, su música no era ya la que tú conocías, y era como cuando en los sueños alguien ha cambiado tu rostro y tu espejo no te reconoce... (PLA, 2002).

esforço de preservação cultural, mesmo que em contextos mais drásticos, igualmente pode ser entendido como epistemologia das margens, ou pensamento liminar, como já dito anteriormente.

Blas de Lemos habita em um “planeta de cobre” no qual Ursula impera a tal ponto de dar a tonalidade do quadro em que o colonizador finda seus dias. Esta cor de cobre do quarto é, naturalmente, metafórica e justamente por ser metafórica implica, em sua concepção semântica, ainda mais força à mulher indígena, no caso, Ursula. Admite, dolorosamente o colonizador, que este povo dominado tem a sagacidade da resistência e da força entranhadas na astúcia de sobreviver, como se fosse uma pré-anúnciação para a permanência desta cultura num futuro vindouro.

– E escutam atentamente aos homens de Deus que trazem a Sua Palavra, e recebem contentemente o batismo; mas palpitas que quando lhe haviam acolhido para sempre, já não serão os mesmos, porque eles descobriram que Ele pode ter também o seu rosto, e o trocarão (PLÁ, 2002, tradução minha).⁸

Exatamente na metade do livro de Galeano, mais precisamente na página 46, ele dá início a uma série de pequenas crônicas mais intimistas, bem mais autobiográficas e de incomparável beleza porque ele próprio se mescla com o continente latino-americano, ambos se confundem e se retroalimentam, de modo que um parece não sobreviver sem o outro. Numa dessas crônicas, intitulada “Revelação”, o escritor relembra suas origens familiares e sua linhagem europeia; no entanto, assegura ao leitor sua alma latino-americana com a certeza de quem necessita deste solo para viver e deste ar para respirar. Apesar de curta, é uma passagem muito emocionante, pois há autoridade no seu discurso, posto que revela ter viajado muito neste continente para saber de seu real valor para si. Nesta autorreflexão de identidade e de pertencimento, o escritor percebe também o seu valor, dizendo: “Pertencço a uma terra que ainda se ignora a si mesma. Escrevo para ajudá-la a revelar-se – revelar-se, rebelar-se – e buscando-a me busco e encontrando-a me encontro e com ela, me perco” (GALEANO, 1988, p. 47). O discurso de Galeano, em defesa da

⁸ –Y escucha atentamente a los hombres de Dios que traen Su Palabra, y reciben contentamente el bautismo; pero adivinas que cuando le hayan acogido para siempre, ya no será el mismo, porque ellos habrán descubierto que Él puede tener también su rostro, y se lo cambiarán. (PLÁ, 2002, grifos meus).

América Latina, ainda que não-indígena, representa o discurso-interdito de Ursula, pois aprendeu a amar este chão.

Tal ato consciente de busca, de ajuda e de escrita para descolonizar outras mentes é um exemplo muito profícuo do que seria, assim, o entendimento do pensamento liminar na ordem cotidiana das coisas. Sendo assim, um escritor consciente de seu fazer é um gerador constante de outros fazeres e saberes porque, ao descolonizar ideias fixas vindas de fora, proporciona a liberdade de atuação interna que é necessária e vital à consolidação da epistemologia das margens. Sobre este papel fundamental da escrita, pondera o autor:

O valor de um texto poderia muito bem ser medido pelo que desencadeia em quem o lê. Os livros melhores, os melhores ensaios e artigos, os mais eficazes poemas e canções não podem ser lidos ou escutados impunemente. A literatura, que se dirige às consciências, atua sobre elas, e quando é acompanhada pela intenção, o talento e a sorte, dispara nessas consciências os gatilhos da imaginação e a vontade de transformação. Na estrutura social da mentira, revelar a realidade significa denunciá-la; e chega mais longe ainda quando o leitor muda um pouquinho através da leitura (GALEANO, 1988, p. 43).

Se nos primórdios da colonização, o europeu desqualificava o sujeito não-europeu pela perspectiva de etnia, da classe e do gênero; na atualidade, a colonialidade do poder reforça tais estigmas, mas de forma sutil, apostando nas artimanhas da globalização e na força do mercado capital global. Assim, os ricos ficam mais ricos e os pobres ficam mais pobres. Evidentemente, a literatura como ferramenta poderosa que é, não fica à mercê destes acontecimentos e, melhor que os factuais da História oficial, registra, denuncia e, muitas vezes, desmantela tais estratégias de manutenção de poder. Neste prisma, vale o conhecimento popular de que “saber é poder”. Desta forma, descolonizar as formas de conhecimento é a mais eficaz maneira de descolonizar instituições exploradas ao longo do planeta e, com isso e em efeito cascata, descolonizar economias e nações. O papel da literatura nestes locais do globo, como frisamos aqui a América Latina, é de incalculável relevância e, por esta razão, selecionei como base primordial estes três críticos latino-americanos, os quais dedicaram suas vidas profissionais e pessoais a pensar em prol desta nobre causa: Galeano, Mignolo e Quijano. Se não fizermos por nós, em termos de emancipação em todos os campos, quem o fará?

4 Em nosso caso, escrever é escrever contra!

A literatura pós-colonial tem mais propagação no meio acadêmico de nações onde a língua inglesa é o idioma oficial, logicamente porque ela, enquanto campo teórico, estrutura-se com o suporte da literatura comparada para, em seguida, despertar no calor da hora de certos debates literários e, conseqüentes produções, em nações outrora colonizadas pela Inglaterra. Neste ínterim, ganham destaque mundial obras advindas de países africanos, caribenhos e da Índia. Com a grande maioria das colônias europeias já independentes, apesar de algumas altamente dependentes economicamente da antiga metrópole, este campo de pesquisa ganha força e se propaga igualmente pela América Latina. Entretanto, qualquer estudo que tenha a América Latina como foco, deve se ater em alguns detalhes; um deles de forma especial: muitos países deste recorte geográfico e cultural viveram a experiência da ditadura, o que explica, de certa maneira, o “atraso” da chegada de certas tendências teóricas e o crescimento das mesmas no nosso fazer acadêmico por aqui. Para além disso, negligenciar as novas e frequentes investidas externas, sobretudo neste momento de crise financeira generalizada, é negligenciar toda a conquista histórica de independência que às duras penas libertou nosso povo das garras do colonizador, das garras da escravidão e das garras dos ditadores. Definitivamente, no nosso caso latino-americano, é preciso estar sempre alerta, sempre desconfiado e sempre pronto para agir. Portanto, para nós latino-americanos, escrever é escrever contra todo este sistema de dominação e de manutenção do poder que insiste em se manter firme às custas das nações já absurdamente vilipendiadas.

Acender consciências, revelar a realidade: pode a literatura reivindicar melhor função nestes tempos e nestas terras nossas? [...] Nosso próprio destino de escritores latino-americanos está ligado à necessidade de transformações sociais profundas. Narrar é se dar: parece óbvio que a literatura, como tentativa de comunicação plena, continuará bloqueada de antemão enquanto existem a miséria e o analfabetismo e *os donos do poder* continuarem realizando impunemente seu projeto de imbecilização coletiva através dos meios de comunicação massiva (GALEANO, 1988, p. 14, grifo meu).

À guisa de exemplificação da literatura, enquanto ela mesma uma concretude do pensamento liminar de Mignolo, e ela mesma uma forma

de resistência e de combate às investidas da colonialidade do poder, explica-se a eleição do conto *La mano en la tierra* (2002), da escritora paraguaia Josefina Plá neste estudo.

5 Considerações finais

Esta investigação buscou expor dois conceitos que são, na contemporaneidade, extremamente significativos para compreendermos a situação da América Latina e, da mesma forma, da literatura pós-colonial latino-americana. Portanto, eu analisei, de forma contrastiva, os conceitos de pensamento liminar, de Walter Mignolo, e o de colonialidade do poder, de Anibal Quijano para demonstrar que o primeiro surge como uma resposta pós-colonial ao segundo e que a literatura, no caso com exemplificação a partir do conto de Josefina Plá, é campo fértil para compreendermos tais conceitos. Acima disso, para percebermos o próprio texto literário como uma resposta sociocultural desta região tão singular e de culturas tão ricas. Portanto, todos os autores, neste texto usados, são eles mesmos agenciadores e fomentos da denominada epistemologia das margens; a comprovar que um ávido desejo de conquista não basta para manter toda a conquista. Seres humanos não podem (e não devem) desejar colonizar e oprimir outros seres humanos, até porque é parte da natureza humana resistir e desejar sobreviver com dignidade e com autonomia: “*Su mano derecha tendida hacia el suelo, crispada, parece querer prender la tierra*” (BLÁ, 2002). Morre Don Blas e, com ele, todo o seu projeto. Permanece, no entanto, Ursula com a intimidade e com o conhecimento de sua gente, pois já sabemos bem que “saber é poder”. Portanto, no Paraguai de Josefina Plá, perpetua-se a cor de cobre.

Referências

- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- GALEANO, E. *A descoberta da América* (que ainda não houve). Porto Alegre: UFRGS Editora, 1988.
- MIGNOLO, W. D. *Histórias locais / Projeto globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

PLÁ, J. La mano en la tierra. In: VALLEJOS, R. *Cuento Paraguayo*. Asunción: El Lector, 2002. Disponível em: http://www.portalguarani.com/519_josefina_pla/1735_josefina_pla__cuentos_completos_2000__edicion_introduccion_y_bibliografia_de_miguel_angel_fernandez.html Acesso em: 10 dez. 2018.

PLÁ, J. Piedad por las palabras In: _____. *Invención de la muerte*. 1. ed. Assunção/PY: Ediciones Dialogo – Cuadernos del Colibri 4, 1965. Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/Iberoamerica/paraguai/josefina_pla.html Acesso em: 10 dez. 2018

QUIJANO, A. *A colonialidade do poder: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RIBEIRO, T. Trump autoriza o uso de armas letais contra imigrantes. *Mídia Ninja*, [S. l.]. 4 dez. 2018. Disponível em: <https://segredospoliticos.com.br/2018/12/04/trump-autoriza-o-uso-de-armas-letais-contraimigrantes>. Acesso em: 10 dez. 2018.

Recebido em: 11 de julho de 2018.

Aprovado em: 25 de janeiro de 2019.